

**OS MECANISMOS DE EXCLUSÃO E A INVENÇÃO DO “OUTRO” NO
POEMA *O NAVIO NEGREIRO*, DE CASTRO ALVES**

Aldo Eronides da Silva (UEPB/PROINCI/CNPq)
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PROINCI/CNPq)

A negação de valores imprimida ao negro sempre foi uma constante na literatura brasileira, desde as histórias orais à literatura canonizada, ao ponto de negar qualidades absolutamente positivas (CANDIDO, 1997). Isso ocorre na obra do escritor pró-abolicionista Castro Alves, uma vez que denuncia, em alguns de seus poemas, o preconceito racial e social. O presente trabalho propõe analisar a representação do negro na literatura brasileira, especificamente no Romantismo, mostrando no poema “O Navio Negreiro” (ou Tragédia no Mar), de Castro Alves, a visão do negro, o seu papel como escravo no processo de formação do Brasil e a evolução no seu discurso, através de muitos esforços, em favor da sua identidade cultural. A partir dos estudos sobre representação e identidade, buscaremos retratar como se constrói essa imagem do negro no período do Romantismo abolicionista (AMORA, 1967), além de registrar a intenção do escritor romântico ao tratar da temática escravocrata, tendo em vista que os “mecanismos de exclusão”, que se situam dentro da literatura brasileira, são a ocultação, a invenção e a amostragem do “outro” (BERND, 2003), que normalmente é marginalizado.

Neste artigo, procuramos tecer algumas considerações sobre a representação do negro na literatura brasileira, no período do Romantismo pré-abolicionista, sobretudo na terceira fase. Abordaremos sobre a temática social e a fase do condoreirismo no qual o poeta Castro Alves está inserido, mostrando a visão do negro, desqualificado e retratado como o “Outro”, portanto cantado em terceira pessoa, no poema “O Navio Negreiro”. Apontaremos os meios que o autor utilizou para expor o tema da escravidão, refletindo sobre os “mecanismos de exclusão”, que se situam dentro da literatura brasileira. A natureza do trabalho é a interpretação ou a procura de explicações para os procedimentos que o autor romântico Castro Alves utilizou em relação a sua visão ao “ser” negro, tendo como permanente intuito à representação do negro no transcorrer do poema. Observaremos o papel do negro, como escravo, no processo de colonização do Brasil, percebendo como esse processo se apresenta na literatura do Romantismo, analisando a permanência da “visão” desqualificada do homem negro na estética romântica, sobretudo das elites desse período.

Dessa forma, as proposições que dão sustentação a este artigo inserem-se nos estudos voltados para a contextualização social e situa a cultura e literatura brasileira, como conjunto de significados vivos que estão em contínuo processo de modificação e como elemento indissociável da vida das pessoas que dela compartilham. O apoio teórico auxiliou no fundamento das discussões realizadas, nos quais os dados recolhidos no artigo serão apreciados e analisados à luz das teorias literárias que fundamentam a representação do negro na literatura brasileira, especificamente em Castro Alves.

As teorias pertinentes ao estudo do negro na literatura romântica brasileira inserem-se, sobretudo em (BERND, 2003), que afirma ser os “mecanismos de exclusão”, situados dentro da literatura brasileira, como ocultação, a amostragem ou a invenção de um “outro”, negando, desta forma, aqueles que, normalmente, são marginalizados. Segundo a autora, a questão de identidade literária se dá, com a conscientização, da literatura, tida como marginal, periférica, e a busca do seu lugar dentro da literatura canonizada. Entretanto, a identidade deve ser entendida como um processo contínuo, partindo do princípio de que *territória* seja um complexo de representações que um indivíduo ou grupo tem de si mesmo, de “retederritorialização” e “desterritorialização”. De acordo com a escritora, “identidade de primeiro grau” é uma identidade baseada em referenciais empíricos, como por exemplo, a cor da pele, o sexo, etc., enquanto que “identidade de segundo grau” ou reflexiva, seria, justamente, a que não se baseia em um único referencial empírico, mas em vários.

Conforme ressalva (RABASSA, 1965), o sentimento de liberdade, trazida pelo Romantismo, se intensificou com a literatura pré e pró-abolicionista, entretanto na literatura brasileira não há nada que represente os negros, que apareça como um movimento dedicado a eles. O crítico assegura que o retrato do negro dentro da literatura romântica não era verdadeiro, porém torna-se necessário perceber, ao ler os textos, o objetivo desses poetas ao abordarem o tema da escravidão negra, pois se deve olhar o que há além e por detrás dos versos românticos. O escritor segue afirmando que muitos dos poetas que cantaram o tema do negro eram de “raça branca”, porém ao passo que foram absorvendo a cultura

africana, se identificaram com o folclore negro e apresentaram uma melhor “transculturação” do que os próprios mestiços. Segundo (MOISÉS, 1985), há uma interligação entre o poeta e o escravo, pois ambos são cativos, aquele de se mesmo e este de um sistema vigente.

Para (BROOKSHAW, 1983), estereótipo pode ser definido como “a causa” ou “o efeito” de um julgamento pré-estabelecido, de um indivíduo a outro, levando em consideração à categoria que ele ou ela pertença. Normalmente, esta categoria se dá pela etnicidade do indivíduo, pois todos os grupos étnicos são estereotipados para a conveniência de outros. Todavia é interessante notar que este jogo de estereótipos se fundamenta na idéia de oposição. O escritor afirma que é costumeiro associar o demônio aos negros e isto ficou fixado na maneira do branco vê-los, como um ser mal e possuidor de todas as características semelhantes as do demônio. Para o escritor, a questão da assimilação e desassimilação é complexa, pois já está enraizada na cultura literária brasileira a associação da cor branca aos correlatos de beleza e pureza, enquanto que, para a cor negra associa-se à perversidade e à feiúra. O escritor frisa que é importante notar que a literatura abolicionista, após 1850, se expandiu de forma racista, apregoando que era aconselhável, aos senhores de escravos, alforriá-los, pois não era benéfico que as famílias dos coronéis mantivessem contato com os negros, uma vez que estes eram, segundo a ideologia dominante da época, “degenerados morais”.

No que diz respeito à formação do negro a partir da história e literatura brasileira, os estudiosos da literatura romântica, principalmente (CANDIDO, 1993), afirma que o escravo negro na obra de Castro Alves não representa um “caso imediato a ser solucionado”, mas, efetivamente “um símbolo de uma problemática permanente” e que o abolicionismo ganhou força na literatura graças ao sentimento humanitário do poeta, sendo de fundamental importância a sua indignação à escravidão. Após a Lei do Ventre Livre, o estereótipo do “escravo fiel”, embora ainda existente, cedeu espaço para o estereótipo do “escravo imoral” e do “escravo demônio”. O “escravo imoral” seria aquela escrava bonita, robusta e sempre a procura de sexo, ao passo que o “escravo demônio” seria aquele fugitivo ou que trazia má influência para a família do seu senhor, confirmando a sua “selvageria”.

Para (LUCAS, 1987), os que “dominaram” o Brasil, ao longo dos séculos, embutiu na mente do brasileiro de que somos brancos e de que temos costumes europeus. Contudo, percebemos que o crítico peca ao dividir as pessoas em “raças”, sendo notória a divisão entre a “raça” branca e a negra em todo o texto. Esta formação ideológica é constatada na literatura de maneira que o negro é retratado não como sujeito, mas como objeto. De acordo com (PROENÇA, 1979), o poeta baiano ganhou espaço graças ao tom lírico de suas poesias, mesmo quando estas eram de cunho social, uma vez que o aparato lírico, com um vocabulário rico, uma imagística e um discurso direto e emotivo é posto em prática nos seus melhores poemas sociais.

A obra **Os Escravos** é uma publicação póstuma datada de 1883, considerada a mais importante de Castro Alves. Nele, o poeta denuncia a escravidão, enfocando de diferentes maneiras o tema e descreve os ambientes em que os escravos viviam, em dialogar com eles ou em narrar, simplesmente, as lembranças de quando era criança e brincava com os escravos pequenos. O auge do livro é o poema belo, feroz e de indignação: “O Navio Negreiro”, datado de 1868. Nos estudos de (AMORA, 1967), Castro Alves por meio de sua poesia social soube analisar a tragédia do escravo, dosando entre a essência humana e a significação histórica que o tema desfrutava, pois era necessário falar dos dramas da escravatura e dos povos oprimidos. Para (BOSI, 2001), o poeta era um arauto dos escravos, denunciando os horrores do sistema escravista. Sua obra prima, contado em seis cantos, no qual descreve um tumbeiro e tudo o que acontece no transcorrer da viagem em “auto-mar”. Seus versos são ressonantes e altissonantes, próprios e prontos para a declamação ou para serem gritados. É uma poesia grandiloquente, repleta de hipérboles, isto é, do exagero das imagens, pois o faz com intenção de reforçar a idéia a qual apregoava. Com isso, sua poesia atinge um grau de emoção altíssimo, pois esta seria a intenção do condor baiano, uma vez que ele queria os maiores efeitos que as palavras pudessem provocar naquele momento tão turbulento. Podem ser encontrados os aspectos formais, a imagística e o sentimento condoreiro nas quadras, redondilhas maior, variantes rímicas, martelo agalopado, metáforas, símiles, antíteses, etc., e o poeta sempre associa estas características ao gosto popular, pois ele facilita, conforme nos assegura (PROENÇA, 1979, p. 8), “toda uma imediata assimilação por parte do leitor”.

Em seu poema “O Navio Negreiro”, ou “Tragédia no Mar”, composto de seis partes, o poeta inicialmente descreve, gradativamente, o ambiente no qual vai se passar a tragédia:

‘Stamos em pleno mar... doido no espaço
 Brinca o luar - dourada borboleta -
 E as vagas após ele correm... cansam
 Como turbas de infantes inquietas.

Ainda no I canto, composto de onze estrofes, formadas em quartetos, com versos decassílabos, sendo que apenas dois são rimados, o poeta descreve a ingenuidade e a admiração dos negros, uma vez que todo aquele cenário de beleza, verificado em auto-mar, os deixam atônitos e felizes, ao ponto de comparar aquilo que vêem à uma “livre poesia”, no entanto a verdadeira intenção do poeta é mostrar as duas imensidades, protótipos de liberdade, o oceano e o firmamento.

No II canto, formado de décimas em redondilha maior e rimas alternadas, há o destaque para a parte administrativa do navio (os marinheiros) e suas respectivas nacionalidades. Nela, o poeta respinga idéias de liberdade, ao descrever os variados países. No III canto, o poeta convida a “águia do oceano” para que, juntamente com ele, contemplem a cena de horror que será descrita posteriormente, é constituído de uma única estrofe: uma sextilha em versos dodecassílabos. É importante notar que até este ponto o poeta retrata uma noção de liberdade, contrastando com o restante da poesia, numa espécie de antítese, provavelmente a mais intensa do poema. No IV canto, em estrofes heterométricas, mesclando alexandrinos com hexassílabos, o poeta “pinta” os negros no tumbeiro, como eram fisicamente e a maneira de como se portavam frente àquela degradante situação. No V canto, composto em décimas de redondilha maior, com rima variada, constatamos o auge do poema, pois verificamos, exatamente, a tragédia dos escravos.

Muitos dos escravos, por não resistirem à sede, à fome, aos castigos e também à peste, morrem e são jogados, os seus corpos, ao mar, e esta cena é chocante, pois os que conseguem sobreviver, sinistramente, escutam “o baque de um corpo ao mar”. A tragédia é verificada, portanto, não só física como também psicológica. No VI canto e último, em oitavas de decassílabos camonianos, o poeta traz uma conotação mais política ao fazer um paralelo entre os símbolos da pátria, que no caso do poema é representado pela bandeira, e o sentimento de escravidão, tão sobejamente descrito em todo o poema, culminando nos últimos versos com o apelo aos “heróis do Novo Mundo”, conclamando para que, tanto eles como toda a população, se levantem e dêem um basta à escravidão, arrancando “o pendão dos ares” e fechando “a porta dos teus mares”.

Porém, apesar de haver na parte inicial do poema a grandiloquência e o tom hiperbólico, eles serão comprovados, em sua totalidade de afirmação, no IV canto, como podemos averiguar na seguinte passagem:

Era um sonho dantesco...o tombadilho,
 Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros...estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite
 Horrendos a dançar...

Na visão de (COUTINHO, 1972), o tema do negro em Castro Alves é retratado de forma poética, visto que em todo o poema o pensamento poético é superior ao social. Em “O Navio Negreiro”, estamos diante de uma poesia vigorosa, repleta de recursos sonoros, cromáticos, abundante de oposições, comparações e outros tantos recursos. É uma poesia dinâmica, rítmica, de vocabulário riquíssimo e efeitos estéticos. Na poesia de Castro Alves, percebemos uma técnica de composição do poema - a técnica crescente, pois a construção poética aumenta paulatinamente até culminar em uma “explosão”, em um ápice, em um apogeu, com o sentimento de indignação, revolta e perplexidade. As formas populares são constatadas na poesia pelo emprego constante dos paralelismos, ou seja, entre termos semânticos, sintáticos e das anáforas.

Segundo (PROENÇA, 1979), a poesia social de Castro Alves ganhou forças não só pela temática de reivindicação e de denúncia, mas também pelo seu aparato lírico, com um vocabulário rico, uma imagística e um discurso direto e emotivo. Em “O Navio Negreiro” é verificado um tom de revolta e o lirismo se faz presente “nas mais audaciosas e hiperbólicas expansões do poeta, e acompanhará os versos mais ou menos veladamente” (PROENÇA, 1979, p.11).

Na sua poesia é constatada uma dimensão e profundidade do nacionalismo, graças ao contraste entre a situação atual do seu tempo e os “símbolos estabelecidos” e apregoados pelos poetas antecedentes, pois a visão de um país livre, formulado pelos poetas das gerações anteriores, se contrasta com o sistema escravocrata ainda vigente. Conforme nos assegura (LEITE, 1979, p.47): “Os símbolos da natureza se chocam com a realidade social.” Como podemos verificar na estrofe a seguir:

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu, que da Liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Castro Alves inovou ao utilizar o nacionalismo, pois o fez como forma de reivindicação social, uma vez que “aqui, o nacionalismo perde o seu caráter conservador e freqüentemente retrógrado e adquire um conteúdo realmente coletivo, isto é, que abrange todos os brasileiros” (LEITE, 1979, p. 48). Contudo, é interessante observar que quando o poema “O Navio Negreiro” foi escrito, em 1868, já fazia 18 anos que a Lei Eusébio de Queirós (1850) proibira o tráfico de escravo, embora ainda não tivesse sido eliminada a escravidão em nosso país.

Nesse sentido, a poesia de Castro difere de outros poetas das gerações anteriores, pois denuncia a escravidão ou à defesa de interesses políticos. Para a imagem do Brasil na época, em relação ao exterior, a escravidão não era aprovada pelos europeus e a Inglaterra contribuiu de forma decisiva para o fim do tráfico de escravos como também para a abolição, tendo em vista os seus interesses políticos. (SODRÉ, 1976) assegura que os românticos intervieram, intensamente, nos problemas sociais, através de seus pensamentos humanitários, defendendo o povo do que, no Brasil do seu tempo, era o povo, sobretudo por apregoarem o amor à liberdade e ao anseio de justiça social.

É importante salientar que o apelo feito para que a bandeira da “libertação” seja, definitivamente, fincada não é feita a nenhum negro ou mártir como Zumbi, mas aos “heróis do Novo Mundo”, como a Andrada, patriarca da independência brasileira, e a Colombo, descobridor da América. Conforme na estrofe a seguir:

Fatalidade atroz que a mente esmaga!...
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!...
...Mas é infâmia demais... Dá etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada, arranca esse pendão dos ares!...
Colombo! fecha a porta dos teus mares!...

Segundo (BROOKSHAW, 1983), a ética humanitária de Victor Hugo foi seguida por Castro Alves, um dos únicos a aderi-la, transformando-o no maior poeta romântico brasileiro, por apresentar uma boa oratória em seus versos e uma dedicação ao tema da “liberdade”. Ele projetava sua sensibilidade “humanitária” no negro, escravo, e no pobre. Porém mostrava o negro sobre a óptica da classe a que ele pertencia, sob um olhar de medo e de idealismo.

O tema de toda poesia social de Castro Alves é o sofrimento do escravo, não apenas o físico, mas também o psicológico, por terem se transformado em escravo e por terem a consciência de que seus filhos também serão servos. Entretanto, conforme nos assegura (RABASSA, 1965, p. 88), “nesses poemas, Castro Alves não se identifica com os escravos ou personagens negros em geral, mas fala mais como membro da classe de proprietários de terras e donos de escravos a que pertencia”. Seu objetivo é mostrar como é prejudicial o sistema escravocrata para o futuro do Brasil.

O escritor demonstra, entre as linhas de seu poema, as suas marcas profundas de uma formação baseada em uma cultura escravocrata. Percebemos que a mola condutora do seu intento é a indignação, o sofrimento do negro e a necessidade, que a população tinha, de livrar-se da escravidão,

tão sobejamente, no momento, vista como perigosa. Além do mais, ao se referir ao negro, o poeta tende a branqueá-lo, como nos afirma (MERQUIOR, 1977, p. 92-93):

Ele não busca a especificidade cultural e psicológica do negro; ao contrário, assimilando-lhe o caráter aos ideais de comportamento da raça dominante, branqueia a figura moral do preto, facilitando-lhe assim a identificação simpática das platéias burguesas com os sofrimentos dos escravos.

De acordo com (BROOKSHAW, 1983), o preconceito contra o homem negro se enraizou nos países no Novo Mundo, sobretudo no Brasil, em função de séculos de escravidão. Para muitos a justificativa para se escravizar os negros era um defeito: a sua cor. A cor branca sempre esteve ligada à bondade e à beleza enquanto que a cor negra equiparasse à maldade e à feiúra. Esta desqualificação pode ser observada na linguagem de um Milton, na de um Shakespeare ou até mesmo na bíblia, pois os europeus justificavam a inferioridade dos negros uma vez que eles eram descendentes da tribo de Cam e que foram amaldiçoados por Noé.

Os que “dominaram” o Brasil, ao longo dos séculos, embutiram na mentalidade dos brasileiros de que somos brancos e temos costumes europeus. Esta formação ideológica é constatada na literatura de maneira que o negro é retratado não como sujeito, mas como objeto, sobretudo na estética romântica, como nos assegura (LUCAS, 1987, p. 33):

De um modo quase absoluto, não conseguimos localizar... o fluxo de consciência moral de um índio ou de um negro. As personagens dessas minorias, quando tratadas, são vistas antes como objeto, à luz de um olhar distante, cheia de uma curiosidade ausente. O narrador, em terceira pessoa, quando muito deixa aflorar um sentimento de piedade para com as minorias, relegadas a segundo plano.

Segundo (RABASSA, 1965), nessa literatura, o negro aparece em vários papéis e de diferentes formas: como figura que serve apenas para o trabalho pesado; um selvagem sem confiança; um herói que luta contra um regime injusto; um servo fiel; um ser sexual; um pobre coitado que é desqualificado e etc. Estes papéis são constatados no poema “O Navio Negreiro”, de maneira que para (BERND, 2003), os estereótipos são verdades observadas em um indivíduo e que se generaliza para os demais. Esta construção se dá por duas situações: ou por ignorância ou por que se tem um objetivo embutido naquilo que se passa a acreditar, com a finalidade de se beneficiar da situação. Estes estereótipos surgiram, assim, na literatura brasileira, e em especial na poesia de Castro Alves, para reforçar a temática da abolição, pois para os que se utilizavam deste artifício, os senhores de escravos não deveriam mais ter os negros em suas senzalas, uma vez que eles representavam perigo eminente para a família dos coronéis, representado pelo estereótipo do “escravo imoral” e “escravo demônio”.

Há, também, na poesia de Castro Alves, em especial no poema “Vozes D’Africa”, como também há reminiscências em “O Navio Negreiro”, indícios de preconceito, na medida em que o poeta via os negros como “a raça maldita”, aqueles que eram descendentes de Cam e que tinham sido expulsos para “as areias ardentes da África”. No V canto, quando o poeta pergunta aos leitores/ouvintes quem são aqueles desgraçados que estão sendo descritos de maneira animalesca, ele mesmo responde: “São os filhos do deserto/ Onde a terra esposa a luz.” Para corroborar com a seguinte afirmativa de (BROOKSHAW, 1983, p. 37): “A dedicação ao direito dos escravos à liberdade não significa, porém, que Castro Alves estava imune ao preconceito contra os negros”, asseguramos que no poema “O Navio Negreiro”, os negros são descritos de maneira penosa e desgostosa, coisificados, tratados com menos valia do que a um animal, protótipos indesejáveis e não merecedores de viver, sobretudo com os brancos, e isso contribui, de forma incisiva, para a desqualificação do homem negro e a perpetuação do preconceito.

Segundo (BROOKSHAW, 1983, p. 28), “a exagerada descrição de sua aparência desumaniza os escravos mais do que humaniza o autor.” Em “O Navio Negreiro”, o poeta descreve os escravos, sobretudo as crianças, como muito magras, verdadeiros esqueletos, as suas mãos com peles horrendas e pregueadas, mais parecidas com bicho do que com gente, famintas e sedentas. Conforme podemos verificar na estrofe a seguir:

Negras mulheres suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães.
 Outras, moças...mas nuas, espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs.
 [...]

Presa nos elos de uma só cadeia
 A multidão faminta cambaleia
 E chora e dança ali...
 Um de raiva delira, outro enlouquece...
 Outro, que de martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri...

O indicio de preconceito contra os negros continua, na medida em que o autor, ao se referir nas *mamas das negras*, não o fez de maneira similar como fez o escravo forro Luiz Gama, em seu poema “Quem Sou Eu?” (ou “Bodarrada”), no qual assume o termo usado para designar pejorativamente os negros, “bode”, trazendo à tona o orgulho de ser negro, negando o discurso da sociedade e de maneira irônica, expandindo o termo para todo o tipo de pessoa, atacando dessa forma a classe escravocrata. Pelo contrário, o termo “tetas”, no momento, era usado de maneira asquerosa e se reduziam as *mamas das negras* e, ao empregá-lo em sua poesia, Castro Alves mais se parecia com um senhor de escravos ao fazer uma compra e verificar se o produto não teria falhas nas “tetas”, do que com um homem compromissado em assumir e se identificar com os negros.

De acordo com (BERND, 2003), os “mecanismos de exclusão”, que se situam dentro da literatura brasileira, é justamente esta amostragem exagerada deste “outro”, contado, como vimos, em terceira pessoa, por um poeta que não se identificava com a causa, pois ao descrever as cenas de “O Navio Negreiro”, ele não tratou os negros como sujeitos, em uma atitude compromissada, pelo contrário, tratou-os como objetos, numa atitude descompromissada e distanciada. Não estamos afirmando que por ele não ser negro e nem muito menos escravo não deveria falar desta temática, pois condenamos taxativamente os “appropriation of voices”, da América do Norte, uma vez que eles afirmam que é necessário ser negro para falar sobre negro, mulher para falar de mulher, etc. Todavia, percebemos que a verdadeira intenção do autor não fica muito nítida em seus poemas, dando-nos suportes suficientes para que estas discussões possam ser apreendidas acerca da produção poética de Castro Alves. Embora haja dúvidas em torno do problema da participação de Castro Alves nas lutas de seu tempo, “situando-se os seus termos no campo restrito da escravidão, discutindo-se o fato dele ter sido popular por isso ou não”, conforme explica (SODRÉ, 1976, p. 309). A intenção, nesse sentido, é perceber em Castro Alves a antecipação ou apenas a se traduzir os sentimentos do tempo, se o fez com realidade ou com romantismo apenas, no que dizia respeito ao escravo, mas em todos os aspectos de seu lirismo.

Em se tratando da busca de uma identidade, (BERND, 2003) assegura que ela se dá de duas formas distintas: a identidade de primeiro grau, ou como “sistema de vasos estanques” e a identidade de segundo grau, ou como “processo”. Percebemos que Castro Alves se utilizou do “sistema de vasos estanques”, uma vez que nas identidades de primeiro grau há uma tendência em cristalizar certos grupos, ou melhor, de transformá-los em guetos, utilizando-se de referenciais empíricos, como por exemplo, a cor da pele, o sexo, etc. Ao passo que nas identidades de segundo grau verificasse uma intenção de constante movimento, onde há aberturas para os diálogos, fazendo com que o intercâmbio e as discussões não pare e se tornem contínuas.

Segundo (BERND, 2003), o conceito de identidade não é estável e imóvel, pelo contrário, é dinâmica, preferindo a autora denominá-la de identificação, pois o termo dá a noção de processo. A escritora ainda ressalva que é necessário que se mostre o perigo das identidades de diferença, pois quando se divide em negro/branco; eu/outro; etc., este binarismo acaba terminando em racismo, pois ao reforçar a idéia de opostos, contribui-se para novas formas de racismo e, conseqüentemente, culminando para “uma cadeia infindável de mútuas exclusões”. Conforme nos assegura (BERND, 2003, p. 28):

Argumentamos no sentido de mostrar o perigo que constituem as identidades de diferença, baseadas em uma lógica binária (negro/branco; autóctone/estrangeiro; eu/outro), de reconduzirem o racismo, cuja persistência – e quase impossibilidade de desaparecer de nossas sociedades – se deve a algo teoricamente muito simples: os discursos que surgem para combatê-lo, alicerçando-se no binarismo do revide, organizam-se como novas formas de racismo, criando uma cadeia infundável de mútuas exclusões.

Todas estas proposições não ficam nítidas na análise de “Navio Negreiro” e em outras leituras aqui analisadas, de maneira que a desmistificação em torno do “poeta dos escravos” torna-se fundamentada nas análises feitas em detrimento dos conceitos de representação e identidade, principalmente nos “mecanismos de exclusão” verificados na literatura brasileira, sobretudo no Romantismo.

Para (MOISÉS, 2001, p.508), “não importa que o poeta realmente se comova com a tragédia do escravo, uma vez que o núcleo de seu estado anímico não havia sido explorado: a sua poesia social é fruto de um momento histórico...”. Dessa forma, apesar desse momento histórico em relação à escravidão, que durou mais de vinte anos, o poeta Castro Alves produziu por pouco tempo a poesia social, escolhendo em seguida uma poesia mais erótica e sensual, que fugia, de certa forma, da indignação contestada em **Os Escravos**.

Segundo (MOISÉS, 2001, p. 509), “a poesia social lhe significou um olímpico exercício de técnica poética, domínio e expansão de um talento ainda à procura de motivo condutor (o “eu” amplificado, mas sempre o “eu”)”. O poeta participou ativamente da propaganda abolicionista e republicana, o que muitas vezes prejudicou a sua obra literária. Naturalmente, percebemos na poesia social de Castro Alves o enveredar pelo melodramático, como enfatiza (ANDRADE, 2002, p. 135), “...no ideal social Castro Alves usou e abusou da piedade. O escravocrata não é uma circunstância defeituosa da sociedade, é um criminoso feroz, um monstro vil. A igualdade humana não é uma necessidade moral, é uma conquista”.

De acordo com (VERÍSSIMO, 1996), Castro Alves é um poeta repleto de consciência social e senso de fraternidade, sendo, portanto, um homem voltado para a denúncia do sofrimento crônico dos escravos. Com o estudo de “O Navio Negreiro”, a representação do negro na literatura indicada como social, revela os aspectos de desigualdade e abandono do qual o negro na posição de escravo foi submetido. Percebemos neste poema uma repetição da mesma temática, reivindicando ao negro o estatuto de vítima, o que contribui a nosso ver, para um olhar reduzido sobre o negro. A sociedade em geral mudou, todavia o negro se manteve do mesmo jeito de suas relações sociais para com os demais povos.

O que contribui para que o negro seja taxado em uma esfera de isolamento sócio-econômico-cultural e que para o escritor (JUNIOR, 1982, p.88), é “aberrante em uma sociedade competitiva, aberta e democrática”, é a desqualificação, a anomia social, a pobreza e a integração precária do negro a uma sociedade ditada e mandada por pessoas que se sentem superior às outras. Para Montenegro, (1988) os poetas que trabalharam a temática social, trouxeram à tona, gritaram, esbravejaram, expuseram o absurdo, a frieza, a crueldade e o barbarismo do dia-a-dia da escravidão no Brasil, fazendo com que a população acordasse de um sono profundo e vissem a vergonha que era o sistema escravocrata, pois o comodismo transformava os seres humanos piores do que qualquer coisa.

Todavia, é dever nosso, independentemente da cor da pele ou credo, reconhecer a importância dos negros no processo evolutivos sócio-político-econômico-social do Brasil, desde a sua aparição no início da colonização brasileira, como escravos, até os dias atuais, como cidadãos, repleto de direitos e deveres, iguais a qualquer outra pessoa diante das leis e dos homens.

Referências

- ALVES, Castro (s/d). *Os escravos*. Porto alegre: Edelbra.
- AMORA, Antônio Soares (1967). *A literatura brasileira – O Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, Vol.II.
- ANDRADE, Mário de (2002). *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia.
- BERND, Zilá (2003). *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS.
- _____. (s/d). *O que é negritude*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense.
- BOSI, Alfredo (2001). *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed., São Paulo: Cultrix.
- BROOKSHAW, David (1983). *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- CANDIDO, Antonio (1993). *Formação da literatura Brasileira*. Vol 2. Belo Horizonte: Itatiaia.
- COUTINHO, Afrânio (1997). *A Literatura no Brasil – Era Romântica / direção Afrânio Coutinho; co-direção Eduardo de Faria Coutinho*. -4. ed. ver. e atual. São Paulo: Global.
- JUNIOR, Teófilo de Queiroz (1982). *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira/ Teófilo de Queiroz Júnior*. - São Paulo: Ática.
- LEITE, Dante Moreira (1979). *O amor romântico e outros temas/ Dante Moreira Leite*. 2. ed., São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo.
- LUCAS, Fábio (1987). *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: série princípios, Ática, 2. ed.
- MERQUIOR, José Guilherme (1977). *De Anchieta a Euclides. Breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- MOISÈS, Massaud (1985). *História da literatura brasileira/v. II*. São Paulo: Cultrix.
- _____. (2001). *História da Literatura Brasileira, vol.I- Das Origens ao Romantismo*. São Paulo: Cultrix.
- MONTENEGRO, Antonio Torres (1988). *Abolição*. São Paulo: Ática.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti (1979). *Castro Alves falou*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- RABASSA, Gregory (1965). *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1976). *História da Literatura Brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- VERÍSSIMO, Érico (1996). *Breve história da literatura brasileira*. Érico Veríssimo: Tradição de Maria da Glória Bordini. - 3. ed. - São Paulo: Globo.